

Biólogo-professor:

relação entre expectativas profissionais e concepções em torno da docência para licenciandos em Ciências Biológicas

Sandra Valéria Santos de Cerqueira¹

Lívia de Rezende Cardoso²

Resumo

Neste trabalho propusemo-nos a analisar a relação entre expectativas profissionais e concepções em torno da docência para licenciandos em Ciências Biológicas. Para tanto, foram entrevistados sete calouros e sete formandos, a fim de perceber as razões da escolha do curso; analisar os conflitos que envolvem essa busca; conhecer a concepção de professor; buscar entender como desejam exercer seu papel profissional; comparar os perfis profissionais dos entrevistados. Assim, constatamos que o curso foi criticado por aqueles que não se identificam com ele, enquanto que os outros percebem que este fornece bom embasamento na futura profissão. Além disso, a maioria está se definindo profissionalmente, pois quando se trata de sentimento em relação à vida profissional é preciso tempo para experimentar e conhecer o papel desempenhado pela docência.

Palavras-chave: Identidade profissional. Ensino de Ciências. Formação de professores.

¹ Licenciada em Ciências Biológicas e mestranda em Saúde pela UFS. sandra_valeriac@yahoo.com.br

² Licenciada em Ciências Biológicas pela UFS e doutoranda em Educação pela UFMG. livinha.bio@gmail.com

BIOLOGIST-TEACHER: the Relation between Professional Expectations and Conceptions around Biological Sciences Teacher Training

Abstract

In this work, we considered to analyze the relation between professional expectations and conceptions around the teaching for students in Biological Sciences. Seven freshmen and seven students had been interviewed, in order to perceive the reasons of course's choice; to analyze the conflicts that involve this search; to know the teachers conception; search to know how they desire to exert their professional paper; to compare the professional profiles of the interviewed ones. Doing this, we evidence that the course was criticized by who do not identify themselves with the profession, while the others perceive this offers good basement in future profession. Moreover, the majority is defining themselves professionally, therefore is necessary time to try and to know the role teachers performance.

Keywords: Professional identity. Sciences teaching. Formation teachers.

Durante muitos anos de estudo os alunos preparam-se para entrar na universidade e decidem pelo seu curso, no entanto, em alguns casos, ainda não sabem se escolheram o certo. Começam a cursá-lo e, em meio a tantas discussões colocadas na academia, surgem dúvidas nos futuros profissionais. Isso é ainda mais problemático quando se trata da docência, uma vez que o processo de construção do ser professor está atrelado a vários fatores.

Libâneo (2001, p. 68) entende que esta identidade docente é o “[...] conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores que definem e orientam a especificidade do trabalho do professor”. Os traços que definem a identidade profissional vão além dos conhecimentos adquiridos ao longo da vida do professor ou até mesmo das técnicas aplicadas por ele em sala de aula. Isto porque abrangem opiniões tomadas a partir dessas, constituindo-se de resultados do seu olhar pessoal, de suas concepções, de valores, de visões do mundo, fazendo com que cada profissional encontre novos significados (Nadal; Brandalise, 2005).

Muitos encontram-se confusos antes e durante o exercício da profissão e, bem antes de se reconhecerem como professores, passam pelo estágio de reconhecimento pessoal até se definirem profissionalmente. Além disso, para chegar a uma boa prática em sala de aula é preciso obter uma boa formação. Segundo Baptista (2003), a formação docente inicial já não pode mais ser reduzida ao estudo e domínio de conteúdos e técnicas para serem utilizadas em suas futuras práticas pedagógicas. Os cursos precisam possibilitar que os licenciandos, na posição de estagiários, possam assumir uma postura crítica diante da sua prática e não apenas executem as tarefas solicitadas pelos professores da universidade.

Nas palavras de Nóvoa (1999, p. 26), “a formação de professores é, provavelmente, a área mais sensível das mudanças em curso no setor educativo: aqui não se formam apenas profissionais; aqui produz-se uma profissão”. A formação de professores precisa ser repensada de modo a se fundamentar em modelos que sirvam de embasamento para os futuros profissionais na construção do saber docente.

Pretendemos abordar, neste artigo, as expectativas profissionais, bem como as concepções de docência tanto dos licenciandos que nunca entraram em sala de aula quanto dos que já estão realizando o estágio curricular obrigatório. Antes de iniciar essa pesquisa é preciso esclarecer que falar dos dilemas e expectativas dos futuros professores que estão a caminho de se formarem, ou estão no início de tal jornada, constitui-se algo importante na busca dos nossos objetivos.

Desta forma, na presente pesquisa, que se constituiu no trabalho de conclusão de curso de uma das autoras e sob orientação da outra, buscou responder à seguinte questão: Qual a relação entre expectativas profissionais e concepções em torno da docência? Para respondê-la, traçamos um plano de ação metodológico que objetivou, de um modo geral, relacionar as expectativas profissionais dos licenciandos em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Sergipe com suas concepções em torno da docência.

Como ferramenta de investigação utilizamos a entrevista devido a sua natureza interativa, posto que se assemelha a uma conversa. De acordo com Mazzotti e Gewandsznajder (1999), esta modalidade possibilita abordar temas complexos, em que o entrevistador se mostra interessado em compreender o significado atribuído pelos entrevistados a eventos, situações e processos. Para Marconi e Lakatos (2006), a preparação para a entrevista é uma fase importante da pesquisa, pois é nessa etapa que o pesquisador deve ter com clareza as informações de que necessita. E, nesse sentido, as autoras recomendam, dentre outras, as seguintes medidas: ter em vista o objetivo a ser alcançado, conhecer o grau de familiaridade do entrevistado com o assunto e organizar um roteiro para a entrevista.

Tendo esses critérios em vista, foram entrevistados 14 estudantes de Ciências Biológicas (Licenciatura) da Universidade Federal de Sergipe. Destes, 7 eram calouros – C –, possuíam idade entre 18 e 21 anos, cursavam os 3º e 4º períodos e apenas um respondeu que já havia ministrado aula de Inglês, mas de Biologia nunca. Os outros 7 eram formandos – F –, possuíam idade entre 20 e 27 anos, cursavam os 7º e 8º períodos e estagiavam em escolas públicas. A

entrevista teve duração média de 25 minutos, objetivando fazer uma comparação de resultados. A escolha dos sujeitos obedeceu o critério de sensibilização dos participantes pela pesquisa.

Os dados dos entrevistados foram analisados com base nas seguintes categorias: razões para a escolha do curso, expectativa em relação ao mesmo e em relação à vida profissional, concepções acerca da profissão professor, relação entre teoria e prática docente e identidade profissional. Além disso, optamos por não separar a análise dos dois grupos de entrevistados – calouros e formandos – de modo a destacar a relação entre expectativas e visão de docência.

O que é ser Biólogo-professor?

De acordo com o Conselho Federal de Biologia, biólogo é todo portador de diploma em Ciências Biológicas que esteja em situação regular junto ao Conselho que regulamenta o exercício de sua profissão. No caso dos licenciandos, eles estão habilitados a atuar, também, em sala de aula da Educação Básica ou Superior.

Segundo Cunha (2006, p. 5), “é preciso atentar para a amplitude das possibilidades docentes dos profissionais em questão.” Ou seja, a cada momento os campos de atuação para o biólogo aumentam, pois este profissional pode operar em outros cenários, tais como: zoológicos, museus, parques, áreas de proteção ambiental. Isso faz com que o biólogo não limite o ato de ensinar somente à sala de aula. O biólogo-professor, portanto, pode construir-se profissionalmente mediante várias opções, cabendo aos licenciandos em formação pesar suas expectativas profissionais e campos de atuação.

Ao optar pelo caminho da docência, Nadal e Brandalise (2005, p. 74) propõem que:

Se a identidade do professor é resultante de uma composição entre o que ele idealiza ser, o que efetivamente é e como esse seu “ser” é percebido pelos outros, a segurança em relação à profissão e ao profissional que a exerce é

essencial para a definição da sua identidade, do seu reconhecimento e esses, conseqüentemente, são fundamentais para o processo de profissionalização, pois o alavancamento de práticas rumo a essa conquista demanda consciência, por parte dos professores, de quem são eles hoje (enquanto categoria/grupo social), de seus papéis e daquilo que deles se espera.

A partir do momento que os licenciandos começam a refletir sobre sua identidade profissional, eles descobrem um novo mundo à sua volta e também a si mesmos, o que ajuda a refletir sobre como foi a sua prática (Baptista, 2003). Antes de qualquer coisa, os professores em formação precisam estar cientes do seu papel na sociedade. É essencial que se perguntem e tentem responder às questões: O que é ser professor? Como preciso enxergar meus campos de atuação? Qual formação é necessária para que eu me constitua como tal? Isto porque “em uma instituição com múltiplas finalidades como é a escola, é de se afirmar que exista também uma multiplicidade de papéis atribuídos aos professores, que precisam ser conhecidos e compreendidos” (Unesco, 2004, p. 125).

Formação do Biólogo licenciado

De acordo com Nóvoa (1999, p. 22), “a crise da profissão docente arrasta-se há longos anos e não se vislumbram perspectivas de superação a curto prazo.” O professorado tem enfrentado muitas crises, mal-estar, insatisfação com a profissão e a partir disso tem parado de investir nela, de fazer o seu trabalho bem feito, o que leva a encontrar alguns professores descomprometidos com a educação.

Nadal e Brandalise (2005) observam que cada professor é único, como cada ser é único. O docente constrói a sua prática de acordo com sua identidade e com suas experiências, ou seja, é algo pessoal. Os autores falam de cultura profissional como forma de explicar que o professor embora sua identidade de acordo com o que ele vive e com suas trocas de experiências com outros professores. A cultura vem como um suporte na vida do docente, no momento em que são compartilhados os dilemas e no processo de aceitação dos colegas

de profissão. Esta influi também na formação da categoria de professores e de como se constitui a identidade do profissional com a entrada de novos profissionais no mercado.

A relação do saber dos professores vai se acumulando ao longo de suas experiências. O professor precisa ter inúmeras capacidades, entre as quais aquela de fazer o aluno aprender e a de fazer com que este se desenvolva. Além disso, necessita saber se articular dentro do seu grupo, tem de saber lidar com as diferenças e estar sempre se autoavaliando (Mello, 2001).

Ao longo de anos o professor em formação busca estar inteirado de novas metodologias para melhorar suas práticas, mas isso não se constitui de uma tarefa fácil. Os licenciandos em processo de construção, tanto os de início de curso quanto os formandos, têm seus dilemas e suas dúvidas a respeito da profissão, tanto quanto professores renomados. Segundo Mello (2001), viver a prática docente é muito importante e válido, desde que a teorização sirva de base para os professores em formação. É preciso saber relacionar a teoria com a prática para que o futuro professor possa promover uma contextualização com fatos reais, para que possa construir o significado do conhecimento aprendido.

Para este autor (2001), o professor precisa saber traduzir e contextualizar, podendo assim construir o conhecimento com os seus alunos. As disciplinas Didática e Prática de Ensino deveriam andar juntas desde o 1º ano dos cursos de licenciatura. Na relação entre teoria e prática, o licenciando precisa ter a percepção de que pesquisa e ensino estão interligados na constituição do futuro professor. Além disso, no ensino, a competência não vem só do conhecimento científico, mas da capacidade do professor de tomar decisões em sala de aula, que é um ambiente imprevisível. É por isso que o professor precisa fazer ajustes em suas ações, por meio da experiência, para ir construindo sua prática.

No âmbito da formação do licenciando em Biologia, para Gordert (apud Araújo et al. 2007, p. 251), o profissional licenciado não pode somente preocupar-se com os conhecimentos referentes à área biológica, pois isso acarreta numa inadequação dos profissionais ao mercado de trabalho, uma vez que

estes não se interessam pelas disciplinas de ensino. Com isso, há também um afastamento do futuro profissional da realidade da docência, dado que ele não está engajado nas discussões e nas práticas pedagógicas que ocorrem na educação. Assim, este profissional precisa apropriar-se das maneiras mais viáveis pelas quais seus alunos aprendem. Em outras palavras:

Não basta o professor *saber que* aprender é também apoderar-se de um novo gênero discursivo, o gênero científico escolar, ele também precisa *saber fazer* com que seus alunos aprendam a argumentar, isto é, que eles sejam capazes de reconhecer as afirmações contraditórias, as evidências que dão ou não suporte às afirmações, além da capacidade de integração dos mistérios de uma afirmação. Eles precisam saber criar um ambiente propício para que os alunos passem a refletir sobre seus pensamentos, aprendendo a reformulá-los por meio da contribuição dos colegas, mediando conflito pelo diálogo e tomando decisões coletivas (Carvalho, 2004, p. 9).

Não é mais possível fechar os olhos e achar, segundo Gil-Pérez e Carvalho (2004, p. 1), “que basta conhecer um pouco de conteúdo e ter jogo de cintura para mantermos os alunos nos olhando e supondo que enquanto nos prestam atenção estejam aprendendo”. Tem-se é que incorporar a grande quantidade de pesquisas realizadas desde a década de 50 sobre a aprendizagem, especificamente dos conceitos científicos, as quais discutem desde os currículos escolares das Ciências, as metodologias, os livros didáticos, avaliação, até que tipo de enfoque dar à aprendizagem dos aprendizes (Cardoso, 2009b).

Como em toda profissão, não se pode aprender a ensinar sem “colocar a mão na massa”. O professor vai errando, tentando, construindo sua prática e percebendo que por mais que mude e não dê certo, ele não pode desistir. Cada aula é uma realidade diferente, a formação do novo professor faz com que ele precise de: “capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com mídias e multimídias” (Libâneo, 2001, p. 10).

Expectativas profissionais com o curso

Ao questionarmos por que os estudantes escolheram cursar Licenciatura em Ciências Biológicas, três dos calouros disseram que sempre gostaram de Biologia no Ensino Médio – época em que pensavam no vestibular – ou por se identificarem com a disciplina ou com o professor. Outros quatro estudantes escolheram o curso como segunda opção, ou como consequência de sucessivas tentativas fracassadas no vestibular para outros cursos ou por acreditarem que o curso de Biologia proporcionaria melhor mercado de trabalho do que os cursos que os interessavam.

Dentre os formandos, cinco deles escolheram o curso mesmo sempre querendo cursar Biologia/Bacharelado, como indica a seguinte fala: “*Como eu gostava muito de Ciências e Biologia eu fiz Biologia/Licenciatura, porque achava que não passava no bacharelado por causa da concorrência*” (F3). Já dois deles escolheram o curso de Licenciatura em Biologia como uma segunda opção dentre os oferecidos no vestibular.

Assim, percebemos que a escolha do curso não foi motivada pela afinidade com o mesmo. É possível notar que, em ambos os casos, os estudantes não sabiam ao certo o que queriam, ficando assim uma lacuna na vida profissional desse futuro biólogo. Isso posto, podemos refletir sobre a definição desses estudantes como profissionais, visto que sua escolha inicial já não correspondeu aos seus objetivos e anseios. Além disso, é possível questionar quanto ao seu engajamento com a futura profissão, podendo não ser satisfatório, tornando-se profissionais não realizados.

Ao questioná-los sobre “Quais as suas expectativas antes de entrar no curso?”, buscamos saber se realmente as expectativas em relação ao curso estavam sendo compatíveis com o motivo da escolha pelo mesmo. Constatamos que dois calouros disseram que o curso está correspondendo aos seus objetivos iniciais: terminar o curso e cumprir com a grade curricular que eles conheciam, enquanto que outros dois fizeram crítica ao curso, referindo-se à falta de um maior “*contato com a natureza e com os animais*” (C5) e à grade curricular.

De modo diferente, três alunos – C1, C3 e C4 – se referiram a objetivos e particularidades da Licenciatura. Diante das respostas, observamos que esses três últimos alunos dão indícios de já possuírem um foco voltado para a profissão de professor. Os outros quatro – C2, C5, C6 e C7 –, no entanto, ainda não sabem que carreira irão seguir. Sabemos que, como em toda profissão, só é possível termos certeza do que queremos quando já estamos vivenciando o cotidiano profissional. Os estudantes entrevistados, talvez por serem de início de curso, ainda não conhecem a realidade da sala de aula. Além disso, parecem ter ingressado na Licenciatura sem saber ao certo do que se trata o curso.

Isto se deve ao fato de o início do curso apresentar uma realidade bem diferente daquela que os estudantes encontrarão no seu final. Até o estágio em que estão aprendem apenas os conteúdos e a prática pedagógica se torna algo distante da sua realidade. Para Baptista (2003, p. 6), “a formação docente inicial já não pode mais ser reduzida ao estudo e domínio de conteúdos e técnicas para serem utilizadas em suas futuras práticas pedagógicas”. Possivelmente por isso os calouros, por ainda não terem contato com as disciplinas pedagógicas, não conseguem sentir como é o curso.

Ao analisar as respostas dos formandos, constatamos que quatro deles (F2, F3, F4 e F7), apesar de um fazer críticas ao salário de professor, estão satisfeitos com o curso. Os outros três – F1, F5 e F6 –, porém, ainda não decidiram se irão seguir essa carreira, apesar de já terem experienciado o contato com a sala de aula no estágio obrigatório. Os estudantes entrevistados, por serem estudantes de final de curso, já conhecem a realidade da sala de aula mas entram na Licenciatura sem saber ao certo do que se tratava o curso. Esses dois fatores parecem ser decisivos nessa definição profissional.

A busca de uma identidade profissional é algo intrínseco a todas as profissões, inclusive a do professor de Ciências e Biologia quando está em formação, por ter um mercado relativamente diverso. Dessa forma, segundo Araújo et al. (2007, p. 243), “é necessário que cheguemos a reflexões a respeito da educação superior e da formação do perfil do profissional no que diz respeito à formação do profissional biólogo”.

Podemos afirmar, ainda, que os calouros não conseguem ter uma visão crítica como têm os formandos, ocorrendo que somente dois calouros se referem aos aspectos da Licenciatura. Os formandos também fazem isso, porém conseguem ir mais longe quando comparam a Licenciatura com o bacharelado, afirmando que a primeira deixa a desejar em relação às aulas de campo. Ou seja, alguns formandos afirmaram que nas disciplinas específicas da Biologia quase não há aulas de campo para os licenciandos, ocorrendo mais no Bacharelado.

Questionamos, também, no que o estudante queria atuar depois de formado, com a finalidade de saber se eles pretendem se especializar ainda mais em alguma área em Ciências Biológicas, se pretendem lecionar ou seguir lecionando e atuando na área de pesquisa. Estas três categorias foram elaboradas após análise das respostas: dois calouros responderam que pretendiam lecionar, mas ainda não se definiram em que área irão se especializar, enquanto outro, ao afirmar “*pretendo fazer mestrado na área de alimentos, quero dar aula e fazer pesquisa*” (C5), argumenta que pretende conciliar a sala de aula com a pesquisa da área biológica.

Os outros quatro estudantes demonstram uma tendência exclusiva para a área de pesquisa no Bacharelado, apesar de estarem cursando a Licenciatura, só admitindo a docência do nível superior, como podemos observar nos trechos de sua entrevista: “*Pretendo. Mas a preferência é universitária, porque quando você ensina você também aprende, e gosto de lidar com pessoas*” (C6).

Dentre os formandos, um deles respondeu que pretende lecionar e fazer especialização em Ensino ou Meio Ambiente e três pessoas afirmaram que pretendem conciliar a sala de aula com a pesquisa em áreas biológicas. Já os outros três estudantes pretendem atuar em áreas que não se relacionam com o curso em questão, como afirma F1: “*Fazer concursos (até na área de Biologia se eu achar o cargo bom), e outras áreas. Só pretendo fazer mestrado e doutorado se eu arranjar um emprego*”.

Observa-se que muitos ainda não se deram conta que estão em processo de formação para serem professores, também, da Educação Básica. Segundo Araújo et al. (2007, p. 250), o processo seletivo vem influenciando na escolha dos estudantes que, por sua vez, acabam por não conhecer a finalidade dos cursos escolhidos. No caso da Universidade Federal de Sergipe, a Licenciatura sempre foi menos concorrida que o Bacharelado por possuir um maior número de vagas, o que faz com que os estudantes a escolham. Isso acaba atraindo alunos desinteressados pela docência na área de Ciências e Biologia.

É notória a falta de interesse pela docência tanto entre os calouros quanto entre os formandos, visto que apenas um estudante de cada grupo pretende lecionar. Desta maneira, pode-se refletir, novamente, sobre a atuação desses profissionais no ensino básico caso venham a lecionar futuramente. Assim, hoje, os biólogos-professores já não querem ser docentes, preferindo se desligar da sala de aula ao justificar que são biólogos pesquisadores, colocando a docência em segundo plano.

Concepções em torno da docência

Na sequência perguntamos se eles pretendiam ser professores e o porquê. Com essa pergunta buscávamos saber se a escolha pela Licenciatura em Ciências Biológicas decorria da vontade de exercer a profissão de professor, fazendo com que alguns entrassem em contradição com a resposta anterior, mas apresentando ressalvas. Constatou-se, então, que apenas dois – C4 e C5 – querem realmente exercer o ofício de professor, enquanto os outros cinco calouros não pretendem ser professores ou não se identificam com a profissão.

Por sua vez, no conjunto dos formandos, três deles responderam que pretendem ser professores universitários, fazendo relação com a pergunta anterior. Dois responderam que pretendem também, mas temporariamente, e dois afirmaram que depende das oportunidades de emprego. É possível perceber com a comparação das respostas que os calouros não se identificam ainda com a Licenciatura e, portanto, não pretendem atuar nessa área, enquanto que os

formandos dão indícios de que querem lecionar, apesar de alguns falarem que isso pode ocorrer de forma temporária. Isso nos mostra, talvez, que o interesse pela Licenciatura pode ir aumentando com o decorrer do curso, porém, ainda não é algo que os estudantes colocam como primeiro plano em suas vidas, é algo que eles tentarão conciliar com outras atividades ou com outra profissão.

Mais uma vez fica evidente o desinteresse pela Licenciatura, o que faz com que a universidade coloque profissionais despreparados no mercado de trabalho. Segundo Araújo et al. (2007, p. 250), esse fato está prejudicando a atuação dos profissionais licenciados em Ciências Biológicas, pois eles não possuem o perfil proposto pela universidade. A fundamentação teórica que devem possuir não é alcançada e os profissionais não saem habilitados para desempenhar as suas funções.

Com o intuito de saber qual a ideia que eles têm acerca da atuação do professor, fizemos-lhes a seguinte pergunta: “O que é ser professor para você?” Assim, pudemos notar duas categorias de respostas: uma relacionada à ideia de transmissão de conhecimento e outra que se referia ao facilitador e transformador.

“É ter a capacidade de passar seus conhecimentos de forma que o aluno absorva a maior quantidade de conhecimentos da melhor maneira possível” (C1). Esta resposta representa o pensamento de cinco estudantes sobre o ser professor e se encaixa na primeira categoria, enquanto dois – C5 e C7 – responderam que é um facilitador e um veículo de transformação. De modo a corroborar com os dados obtidos até então, a resposta que foi dada pela maioria – os cinco estudantes que responderam acerca da concepção do que é ser professor – encontra-se distorcida.

De modo semelhante quatro estudantes formandos responderam que é ter a capacidade de transmitir ou passar conhecimentos, dois disseram que é contribuir de todas as formas possíveis na formação do aluno – como podemos observar na seguinte resposta: *“Ser professor é ser exemplo, é ser amigo, é muito mais do que você dar a matéria. É você ensinar a viver, é passar experiência*

de vida para as pessoas. Fico feliz com bons resultados dos alunos. Fazendo isso me realizo pessoalmente” (F3) – e um respondeu que é passar conteúdos de forma prazerosa. Comparando as respostas, avaliamos da seguinte forma: os calouros possuem uma ideia de ser professor muito distorcida da realidade, apesar de um deles ter dado uma resposta plausível ao dizer que é um veículo de transformação. Já alguns formandos possuem uma ideia mais elaborada do ser professor, ao não tratarem este profissional como uma mera figura que está na sala de aula apenas para passar conhecimentos, mas como uma pessoa que ajuda na construção desses saberes.

Vale destacar que ser professor não é somente buscar novos conceitos, novas formas de ensinar, ser professor é tentar construir seus próprios caminhos e tornar-se uma referência do processo de ensino (Freitas, Villani, 2002). De modo complementar, Mello (2001) afirma que ensinar é uma atividade relacional: para coexistir, comunicar, trabalhar com os outros, é necessário enfrentar a diferença e o conflito. “Ensinar exige aprender a inquietar-se e a indignar-se com o fracasso sem deixar destruir-se por ele” (Mello, p. 11).

Por fim, foram questionados sobre como se identificavam profissionalmente, mesmo eles já tendo apresentado indícios disso. Então, quatro calouros responderam que não sabem se identificar profissionalmente e um quer provavelmente ser biólogo, enquanto dois dão indícios de que serão professores. Um deles, no entanto, apresentou uma ideia equivocada do que venha ser “professor pesquisador”. Na sua concepção, seria o professor que também faz pesquisa em Biologia, mas, na verdade, professor-pesquisador é aquele que ensina e faz pesquisa na sala de aula (Zeichner, 1998).

Isso expõe a confusão que existe no início do curso: a não definição profissional, talvez porque os estudantes ainda não reconheçam que estão fazendo uma Licenciatura. Diante disso, Araújo et al. (2007, p. 243) observam que “é necessário que cheguemos a reflexões a respeito da educação superior e da formação do perfil do profissional no que diz respeito à formação do profissional biólogo”.

Cardoso (2009a) também ressalta que a melhoria do ensino de Ciências torna-se mais eficaz quando se pensa a formação inicial do professor por meio da pesquisa, abrindo-se espaço para a reflexão da prática ao observar o processo, ao formular questões acerca do mesmo, ao propor inovações a partir dos resultados alcançados, ao aprender com a experiência e, assim, acertar as ações de acordo com o diálogo com os semelhantes. Nessa proposta de formação docente, o professor passa a conhecer os métodos científicos na área de educação e a valorizar seu papel como agente transformador.

Em relação aos formandos, pudemos constatar que um ainda não se identifica com nenhuma profissão, três se consideram bons professores, um se percebe como administrador e dois se identificam profissionalmente como biólogos e professores. Assim, apesar de estarem no final do curso, os licenciandos ainda possuem dúvidas quanto ao exercício de uma profissão e muitos ainda estão se definindo. Apenas dois formandos, porém, ainda não se encaixaram no perfil profissional correspondente ao curso que estão fazendo. Isso é esperado, pois diante das disciplinas pedagógicas cursadas pelos formandos e da prática de ensino tanto em Ciências quanto em Biologia, eles já conseguem opinar como se sentem em relação a sua futura vida profissional. Os calouros não conseguem se definir talvez pelo fato de não terem nenhum contato ainda nem com as disciplinas pedagógicas e nem com a sala de aula.

Com esses dados foi possível inferir que a forma pela qual o curso foi escolhido e o estágio em que o aluno está na grade curricular não influenciam na concepção de docência do professor-biólogo. Dentre os calouros, apenas três – C2, C3, C6 – optaram pela Licenciatura por possuir afinidade, mas apresentaram visões simplistas do ser professor. Além disso, apenas C4 e C5 afirmaram querer lecionar futuramente, sendo que somente o último apresentou uma definição consistente do que é ser professor. Dessa forma, isso indica que, para os alunos que ainda não passaram pelas disciplinas pedagógicas, a visão inicial do ser professor não esteve vinculada a sua opção no vestibular pela Licenciatura, nem com seu desejo de seguir essa carreira no futuro.

No caso dos alunos que já estão finalizando o curso, como todos escolheram a Licenciatura como segunda opção no vestibular, não tivemos como fazer a relação entre opção inicial pelo curso com a visão de docência, porém no âmbito do desejo de lecionar futuramente, todos apresentaram esta intenção, bem como as visões do ser professor foram coerentes e satisfatórias em todas as respostas. Podemos inferir, então, que os formandos, talvez por já terem cursado as disciplinas pedagógicas, têm a expectativa de tentar a carreira de professor, embora ter cursado essas disciplinas não seja a única motivação para que eles queiram atuar como docentes, pois após terem sentido o que é ser professor já conseguem ter uma visão crítica do papel deste na sociedade. Dessa forma, eles percebem que a vida do docente é construída pouco a pouco, com muitos tipos de experiências que o fazem amadurecer e contornar as dificuldades da profissão, adquirindo as certezas de que precisa no desejo de ser parte integrante do sistema educacional.

Considerações finais

O presente estudo revelou que a escolha da Licenciatura em Ciências Biológicas não se estabelece como uma primeira opção. Desta forma, percebe-se que as expectativas dos estudantes não eram criadas em relação ao curso ou à profissão, mas sim à aquisição de um nível superior. Algumas vezes as expectativas existentes eram criadas em relação ao Bacharelado ou ao desejo de que o curso de Biologia atendesse seus sonhos. Nesse último caso, a maioria queria cursar algo na área de saúde, mas não conseguiram. Por esse motivo apostaram na Biologia, por ser mais fácil de passar e sua proximidade com a saúde.

As entrevistas revelaram ainda que os estudantes de início de curso não se identificam ainda com a Licenciatura, o que faz com que se sintam bacharéis. Já os estudantes de final de curso revelaram estar mais seguros do que querem e a maioria se sente biólogos-professores, apesar de quase todos não estarem certos de que querem continuar seguindo essa carreira futuramente.

Foi dado um enfoque maior nos dois grupos entrevistados à concepção que eles têm do que é ser professor, de como eles estão se sentindo profissionalmente e o que eles estão sentindo em relação ao curso. As disciplinas de educação têm um papel muito importante na construção da identidade profissional dos licenciandos e também no processo de construção da sua prática docente. Os estudantes só percebem que estão cursando a Licenciatura no final do curso, o que ocasiona várias crises, fazendo que tenham dúvidas do que querem seguir no futuro como profissão. O estágio obrigatório vem como um suporte para que boa parte desses estudantes que não se encontraram ainda possa ajudar a conhecer um pouco a prática docente, podendo influenciar na escolha da profissão dos acadêmicos.

Referências

ARAÚJO, W. et al. Formação acadêmica e identidade profissional de formandos do curso de Ciências Biológicas do ICB/UFG. In: *Revista Solta a Voz*, v. 18, n. 2, p. 243-254, out. 2007.

BAPTISTA, G. A importância da reflexão sobre a prática de ensino para a formação docente inicial em Ciências Biológicas. In: *Ensaio*, v. 5, n. 2, p. 4-11, out. 2003.

CARDOSO, L. R. Formação inicial do professor pesquisador: possibilidades na prática de ensino de ciências. In: ARAÚJO, M. I. O.; SOARES, M. J. N.; ANDRADE, D. (Org.). *Desafios da formação de professores para o século XXI: o que deve ser ensinado? O que deve ser aprendido?* São Cristóvão: Editora UFS, 2009a. 131 p.

_____. A pesquisa em ensino e a formação de professores de Ciências e Biologia: aspectos que se cruzam? In: *CD do XIX EPENN – Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste*, João Pessoa, 2009b. p. 1-14.

CARVALHO, Anna M. P. de. Critérios estruturantes para o ensino das Ciências. In: CARVALHO, Anna M. P. de (Org.). *Ensino de Ciências: unindo a pesquisa e prática*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004. p. 1-17.

CONSELHO Federal de Biologia. *Resolução n. 10 de 5 de julho de 2003*. Dispõe sobre as Atividades, Áreas e Subáreas do Conhecimento do Biólogo. Disponível em: <http://www.cfbio.org.br/instituicao/legislacao/resolucao_10.html>. Acesso em: 21 jan. 2009.

CUNHA, M. M. S. O biólogo professor. *Bionotícias/CRBio*, Recife, 5, 3 set. 2006.

- FREITAS, D.; VILLANI, A. Formação de professores de Ciências: um desafio sem limites. In: *Investigações em Ensino de Ciências*, Porto Alegre, v. 7, n. 3, p. 25-37, 2002.
- GIL-PÉREZ, Daniel; CARVALHO, Anna M. Pessoa de. *Formação de professores de Ciências: tendências e inovações*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2004. 120 p.
- LIBÂNEO, J. C. *Organização e gestão da escola*. Goiânia: Alternativa, 2001.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos da metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 215 p.
- MAZZOTTI, A. J. A.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método das Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.
- MELLO, G. Formação inicial de professores para a Educação Básica: uma (re)visão radical. In: *Revista Iberoamericana de Educación*, Madrid, n. 5, p. 147-174, 2001.
- NADAL, B.; BRANDALISE, M. Identidade dos docentes em formação: quem são os futuros professores de matemática? In: *Olhar de professor*, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 65-75, 2005.
- NÓVOA, A. *Profissão professor*. 2. ed. Portugal: Porto, 1999.
- UNESCO. *O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam*. Pesquisa Nacional. São Paulo: Moderna, 2004.
- ZEICHNER, K. M. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico. In: GERALDI, C. M.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. (Orgs.). *Cartografia do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)*. Campinas: Mercado de Letras: ABL, 1998, p. 207-236.

Recebido em: 20/2/2010

Aceito em: 8/6/2010